



A CRIANÇA INDÍGENA NEGAROTÊ, SUA INFÂNCIA E A CULTURA DO BRINCAR NOS SEUS TERRITÓRIOS

Edimar da Rocha (PPGEDU/UNEMAT) – edy_tdt@hotmail.com
Alceu Zoia (Professor Dr. no PPGEDU/UNEMAT) – zoia@unemat.br
GT 4: EDUCAÇÃO E POVOS INDÍGENAS

Resumo:

Este trabalho alvitra por discorrer sobre as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento da criança indígena por meio do jogo e seus territórios para brincar. O texto procura retratar, por meio do olhar dos escritores uma temática que entrelaçam no contexto que permiti observar a relação do brincar, do jogar das crianças indígenas e nesta perspectiva o jogo enquanto um fenômeno cultural, que assume características que permite constituir os sujeitos e submetê-los por intermédio do jogo a olhar os diferentes personagens constituídos na comunidade, neste caso, os protagonistas de sua historicidade, a criança, que conhece a si mesmo e o universo ao seu redor. O trabalho foi realizado por meio de critérios de uma pesquisa básica, do tipo bibliográfica, com abordagem qualitativa, procurando destacar a estreita relação entre o jogo (brincar) no contexto da concepção de infância indígena e seus diferentes territórios para brincar. Sendo necessário no desenvolvimento deste trabalho, questionar como as manifestações lúdicas do jogo indígenas contribuem para constituir a criança- criança, a criança- aluno e criança- povo?

Palavras-chave: Criança Indígena, Infância, Cultura do Brincar.

1 Introdução

O presente trabalho alvitra por discorrer sobre as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento da criança indígena por meio do jogo e seus territórios para brincar. Sua idealização provém, dos nossos vários diálogos no grupo de estudos que fizemos para facilitar a compreensão dos conceitos abordados nas disciplinas cursadas no programa de pós graduação “*Strict Sensu*” em educação. Neste sentido, buscamos evidenciar a infância da criança indígena e os seus territórios para brincar. E esta relação do jogar (brincar) no dia a dia nas aldeias, onde a criança se constitui como criança - criança, criança - aluno e criança - povo.

Procuramos por meio deste trabalho retratar o nosso olhar enquanto estudantes, esses que se aproxima da temática e nos permiti observar a relação do brincar, do jogar das crianças indígenas e nesta perspectiva o jogo enquanto um fenômeno cultural, que assume características que permite constituir os sujeitos e submete-los por intermédio do jogo a olhar os diferentes personagens desta comunidade, neste caso os protagonistas de sua historicidade, a criança, que conhece a si mesmo e o universo ao seu redor.

Na cultura indígena, o jogo é utilizado como uma fonte inesgotável de transmissão dos saberes ancestrais, além de transmitir valores importantes como ser, estar, pensar e agir como indígena. Pretende-se com o presente trabalho ter como foco, analisar o brincar da criança indígena nos diferentes territórios que ela está inserida e fazer esta relação, da criança- criança, da criança- aluno e da criança- povo dentro das manifestações lúdicas culturais.

O presente trabalho foi realizado por meio de critérios de uma pesquisa básica, do tipo bibliográfica, com abordagem qualitativa, procurando destacar a estreita relação entre o jogo (brincar) no contexto da concepção de infância indígena e seus diferentes territórios para brincar. Sendo necessário no desenvolvimento deste trabalho, questionar como as manifestações lúdicas do jogo indígenas contribuem para constituir a criança-criança, a criança- aluno e criança- povo?

No qual pretendeu-se evidenciar a infância da criança indígena e sua cultura do brincar em/nos seus territórios. Procurou-se ainda, ratificar a importância do contato da criança com o jogo nos vários ambientes que ela está inserida.

2 A CRIANÇA INDÍGENA E SEUS TERRITÓRIOS PARA BRINCAR

O Estado de Mato Grosso tem uma diversidade muito grande de sujeitos, tornando-se multiétnico, multilinguístico e pluricultural, com peculiaridades em suas variadas riquezas culturais, costumes, tradições, valores, conhecimentos (saberes).

Jogo “é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana” (HUIZINGA, 1990, p. 33).

Ao tratar este jogo na cultura indígena dentro de uma lógica interdisciplinar, trazendo para a comunidade não indígena como forma de ensinar o respeito a diversidade cultural, a historicidade indígena, processos como este são importantes na formação da cultura brasileira, principalmente para romper com estereótipos na sociedade não indígena.

Nesta perspectiva do brincar, a criança tem em sua plena liberdade, autonomia, e é na experimentação de uma de uma representatividade da vida adulta, como formas de aprender, e neste processo de repetição, evidencia as potencialidades das crianças como forma de aprender. É sobre estes pressupostos sobre o brincar, o modo de fazer, as

escolhas, nos diferentes territórios que está inserida, onde ela se constitui, tendo em vista que cada criança (re)produz a partir do seu mundo vivido.

No exercício destas atividades em conjunto com os adultos, as crianças vão interagindo com as pessoas que se encontram além do seu nível de desenvolvimento real, o que amplia a zona de desenvolvimento proximal. É no curso das relações sociais que os indivíduos se apropriam e transformam as diferentes atividades práticas e simbólicas em circulação na sociedade em que estão inseridos. (ZOIA, 2012, p. 38)

A infância da criança indígena, as histórias do mundo lúdico, seus jogos e suas brincadeiras fazem parte desta construção da identidade indígena, que envolve fatores sociais, econômicos e culturais.

Kramer (2007, p.15), afirma que:

“Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância”.

As brincadeiras na cultura indígena, é a porta de entrada da criança para a aprendizagem de tarefas e ao desenvolvimento de habilidades sociais dentro da comunidade, necessárias para sua sobrevivência e à constituição de si mesmas. Este processo de ensino das tradições e dos saberes para as crianças estão ligadas a brincadeiras, jogos e implementos inerentes de cada cultura, com ênfase em elementos da/na natureza que assumem o tempo e o espaço da infância indígena.

O brincar é assim uma prática educativa específica de cada fase da infância e tem também diferenças conforme a organização social do grupo, assim como há brincadeiras conforme o sexo, que variam a partir de determinadas fases da infância. (GRANDO; XAVANTE; CAMPOS, 2010, p. 93).

Neste sentido, cada etnia tem uma historicidade, língua materna, cultura, mitos, e jogos próprios. Estes jogos demonstraram suas criatividade com que eles utilizam os elementos da natureza para que vire um jogo, de acordo com as suas necessidades, e utilização. Nesta dialética por intermédio da cultura, da comunidade e da educação, que trazem a relação da criança com ela mesma e com outros e passam a fornecer subsídios que possibilitam às crianças a uma identificação com sua cultura, por intermédio das várias manifestações culturais indígenas.

Nesta perspectiva é importante saber como é o cotidiano das crianças no ambiente escolar, como este corpo se manifesta e se apropriam neste espaço, como maneiras para ser quem elas são, como afirma Grando:

O corpo é marcado, portanto, de acordo com cada grupo específico, por uma educação coletiva e diferenciada em cada fase da vida, cujos sentidos e significados só podem ser compreendidos dentro de seus contextos culturais. As diferenças culturais e as identidades individuais e coletivas, impressas no corpo, se expressam na relação com outros corpos que se comunicam entre si numa linguagem simbólica própria, geralmente de forma inconsciente, cujas aproximações e distâncias culturais significativas. (GRANDO, 2004, p.72)

O jogo se inscreve num sistema de significações que leva, a criança a interpretar o como brincar, em função de uma imagem que tem de uma atividade. Neste sentido, pressupõe-se que todos os objetos são relações específicas passíveis para interpretar, e que o jogo como atividade expressiva, determina a relação da criança indígena com o mundo, e sua forma de existir. Estas expressões dos sujeitos no jogo, insere em um processo cheio de significações, numa determinada cultura que lhes dão sentidos.

Consideramos como tradição um tipo de sabedoria que se transmite implicitamente de geração a geração, saberes, conhecimentos. O que torna ela como elemento constituinte e fundamental da cultura. Nesse sentido, Geertz (1989) constrói uma teoria interpretativa da cultura, considerando-a

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível — isto é, descritos com densidade. GEERTZ, 1989, p.10)

Diante do exposto, consideramos a tradição como uma herança simbólica que vem traduzindo práticas culturais aos longos dos tempos, que tem como característica identificar determinados grupos, comunidades, etnias.

A tradição integra e monitora a ação à organização tempo-espacial, isso porque ela busca estabelecer uma conexão entre passado, presente e futuro, a partir de uma linha contínua, numa lógica em que o passado tem continuidade no presente. Então, a tradição “[...] diz respeito à influência do passado sobre o presente; e [...] a repetição tem um papel-chave”. Essa repetição é veiculada por meio dos rituais, uma manifestação em que o “[...] passado estrutura o presente através de crenças e sentimentos coletivos partilhados” (GIDDENS, 2003, p. 56-57).

Para que aconteça uma maior conexão e compreensão entre o passado, o presente e o futuro, as tradições indígenas se vinculam a um tipo de conhecimento de mundo, a partir de suas experiências, dos costumes, das superstições, do sagrado, da religiosidade e dos mitos, valorizando a memória, o passado, os símbolos e todos os seus significados. Deste modo, buscam integrar nas suas tradições, os rituais, como principal mecanismo para alimentar a memória coletiva e as suas vertentes tradicionais. Contudo, mudanças estão ocorrendo nas comunidades indígena, principalmente sob o impacto da globalização, isso tem implicado no modo de vida tradicional. No entanto, com frequência, as tradições sucumbem com necessidade à esta modernidade.

A forma como as crianças indígenas vem se relacionando com o mundo, principalmente com as comunidades não indígenas tem sido alvo de muitas discussões acadêmicas, por se tratar de uma modernidade globalizadora que transforma a sociedade, esta modernidade é considerada por Giddens (1991, p. 11) um “[...] estilo, costume de vida ou organização social [...] que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Assim, cabe a reflexão quanto ao distanciamento das tradições indígenas, essa nova forma de viver, pautadas nas expressões de autonomia econômica, liberdade e emancipação, realmente tem afetado as comunidades indígenas? E será que essas mudanças, esses novos estilos de vida são suficientes para esgotar as possibilidades das tradições e assim iniciar uma nova era, um novo período histórico nas comunidades indígenas?

"Os pais" criam um senso de confiança em seus filhos através daquele tipo de administração que em sua qualidade combina o cuidado sensível das necessidades individuais do bebê e um firme senso da confiabilidade pessoal dentro da estrutura de confiança do estilo de vida de sua cultura. Isto forma na criança a base para um senso de identidade que se combinará mais tarde com um senso de estar "em ordem", de ser alguém, e de se tornar aquilo que as outras pessoas confiam que ele se tornará... (GIDDENS, 1991, p. 86-87)

A criança indígena situa-se no meio em que vive e forma alicerces importantes para uma construção identitária, este brincar que vai além dos tempos e espaço, merece uma reflexão acadêmica, porque muitas das vezes pode ser um dos fatores da não continuidade de algumas tradições. De acordo com suas destrezas as crianças, vão seguindo os mais velhos, e ganhando experiências, se constituindo enquanto criança povo. Conforme Zoia, (2012, p. 34) a presença constante de crianças entre os adultos nos diversos momentos das reivindicações do grupo era vista como uma forma de integrá-las cada vez mais no grupo e ir reforçando a sua identidade indígena.

Zoia (2012, p. 38) explica que neste brincar a criança age em um mundo imaginário, regido por regras semelhantes ao mundo adulto real, sendo a submissão às regras de comportamento e normas sociais a razão do prazer que ela experimenta no brincar. Conforme os estudos Culturais realizados por Hall (2003, p. 141-142), que “conceitua a cultura como algo que se entrelaça a todas as práticas sociais; e essas, por sua vez, como uma forma comum de atividade humana; como práxis sensuais humana, como a atividade através da qual homens e mulheres fazem a história”

As identidades culturais indígenas parecem invocar em sua origem, que residem em um passado histórico com o qual elas continuam a manter uma certa correspondência, ligação. Esta identidade utiliza os recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não só daquilo que é, mas daquilo no que também pode se tornar. Portanto, têm haver não só com as questões “de quem somos nós” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar, como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”

Para Hall (2006, p. 7), a questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.

Como afirma Grandó (2014), a criança e o adulto no processo de ritualidade estão ao mesmo nível de responsabilidade e autonomia, sendo que há troca de saberes para o fortalecimento da cultura, tanto individual, quanto coletiva. Observamos a relação das brincadeiras e aproximação da criança com a natureza, daquilo que constitui a criança, o jogo enquanto fenômeno que trabalha a interação, a diversão, a construção dos sujeitos históricos e de direitos.

O Jogo, como um saber a ser vivenciado coletivamente na escola, contribui para desenvolver as possibilidades de a criança criar novas formas de compreender sua realidade sócio-cultural, seu grupo social, a sociedade onde vive, outros povos e outras possibilidades de viver coletivamente. Seja imitando animais ou outras formas de criação imaginária no faz de conta, seja com brinquedos reais e situações de competições, no Jogo, coloca-se em relação com um mundo de possibilidades novas. Ao entrar no jogo, não se saber quem ganha ou perde, e, na grande maioria das vezes, o jogo em si não tem vencedores, pois basta jogar para ganhar novas experiências, novos saberes, portanto, ao jogar, todos ganham. (GRANDÓ; XAVANTE; CAMPOS, 2010, p. 92).

Ao observar o jogo desenvolvido na comunidade indígena, os vários espaços em que a criança está inserida, esta forma de fazer cultura, esta forma de jogar, lá na comunidade indígena tem contribuído. O simples fato e ato de acordar, correr, pular, sorrir, estudar, brincar, cantarolar, nadar, caminhar, pintar, dançar, dormir, aprender, festejar, disputar, imitar, caçar, trabalhar, subir, trepar, imitar. Observamos que melhoram suas destrezas que são necessárias na comunidade, o brincar sempre está presente nas ações da criança indígena, que (re)produzem ou constrói suas brincadeiras.

O cotidiano das crianças não indígena diverge muito do dia a dia das crianças indígenas, as manifestações são diferentes, principalmente no senso de liberdade. As crianças indígenas têm o costume de passar o dia no rio, onde tomam banho e brincam, caçam, pescam, sobem em árvores, se divertem com o arco e a flecha dentro das matas. O que torna esta manifestação do jogo mais presente na vida da criança indígena. Ao dialogar com uma das lideranças indígenas, pudemos ouvir em suas palavras uma preocupação e maior luta pela sobrevivência e que os indígenas precisam estudar, precisam estar inseridos nas discussões políticas para dar todo apoio necessário as suas comunidades.

Neste sentido se faz necessário ter vários diálogos para aprofundar os estudos nas diferentes manifestações do jogo e seus territórios para brincar em que a criança indígena está inserida, seja as brincadeiras que surgem na escola, nas comunidades com os adultos ou em seus territórios imaginários escolhidos para brincar. São estas significações do jogo na infância da criança indígena que constitui o ser. No presente texto analisamos o cotidiano das crianças indígenas e ressaltando a importância das manifestações do jogo para a constituição da criança indígena. Os indígenas adultos produzem implementos de acordo com o tamanho das crianças, arco e flecha, lança, e outros implementos utilizados em suas culturas. Dessa maneira, as crianças indígenas vão se acostumando a lidar com essas ferramentas, para que, quando se tornarem adultas, possam praticar a caça, principal fonte de alimentação dos povos indígenas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Explicar este fenômeno do jogo nas infâncias das crianças indígena Negarotês, torna-se fundamental para compreender as manifestações do brincar em diferentes

espaços. Este jogo que está associado a diversas dimensões de movimentos corporais de adultos e crianças e até mesmo como uma característica dos animais. É possível entender que o jogo são tarefas consideradas preparativas para a vida, se tornando assim indispensável, se tratando das diversas aptidões que o mesmo desenvolve. As vivências e as experiências contadas por crianças, onde relatam em suas falas que expressam o quanto o brincar promove nelas a sensação de liberdade. E todas as imitações de jogo que as mesmas executam também promovem além da imaginação, a imitação e a transformação do ser.

O fenômeno do jogo pode ser encontrado em diversas manifestações corporais, visto que estes movimentos sempre estão ligados a cultura na qual o indivíduo está inserido. Conceito de jogo que provoca discussões entre nós pesquisadores sobre o fato de o jogo promover as condições iguais para todos. De fato, compreendemos que a hierarquia acaba ocorrendo entre os praticantes do jogo, uma vez que estas regras podem ser modificadas para que esse estado provoque uma socialização entre ambos. E buscar o porquê de este jogar, e desta forma poderemos elencar outros aspectos que estão fortemente ligados ao jogo,

Se tratando de das práticas corporais indígenas é necessário que entender todo o contexto do jogo nesta gama de movimentos, na qual refere as diversas culturas que apresentam o fenômeno jogo de forma diferenciada. Essas culturas sofrem acepções diferentes e caracterizando o jogo de uma forma singular, dando os diversos suportes para o jogo nesta cultura lúdica.

Neste sentido as crianças aprendem na coletividade com os adultos de suas comunidades a defender os interesses dos seus povos, mesmo que haja uma interferência de outras culturas discutidas aqui neste texto, o que chamamos de modernidade. Estes saberes apreendidos acompanham a criança indígena desde sua infância até se tornarem adultas. É na seriedade do jogo, respeitando suas regras, normas, culturas que tudo acontecem e somente no olhar destes pesquisadores conseguimos enxergar a naturalidade em suas ações.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

_____. **O mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GRANDO, B. S.. **Corpo e educação**: as relações interculturais nas práticas corporais Bororo em Meruri. 2004. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2004.

GRANDO, B. S.; XAVANTE, S. I.; CAMPOS, N. da S. Jogos/brincadeiras indígenas: a memória lúdica de adultos e idosos de dezoito grupos étnicos. In: GRANDO, B. S. (Org.). **Jogos e culturas indígenas**: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: EdUFMT, 2010. p. 89-122

GRANDO, B. S.. Infância, Brincadeira e Brinquedos em Comunidades Indígenas Brasileiras. In: **RevistAleph** Dezembro 2014. ANOXI Número 22. Dossiê Temático. p.97-113. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/cb02/6b4c97e3960811107957f633ab8da13b589f.pdf> Acesso em: 17 Ago. 2021.

HUIZINGA, J.. **Homo Ludens**. O jogo como elemento da Cultura. SP: 2ª Ed. Perspectiva, 1990

HALL, S.. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

KRAMER, S.. A infância e sua singularidade. In: J. Beauchamp; S. D. Pagel & A. R. do Nascimento (Orgs). **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. (p. 13-21)

ZOIA, A.. A educação da criança terena: educação indígena e educação escolar. In: GRANDO, B. S.; CARVALHO, D. C.; DIAS, T. L. (Org.). **Crianças-infâncias, culturas e práticas educativas**. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2012. p. 25-46.